

# RELAÇÃO ENTRE INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE PÓS-CAPITALISTA

Leandro Garbin Rodrigues da Silva <sup>1</sup>; Rodrigo Fernando Gallo <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Aluno de Iniciação Científica da Escola de Administração Mauá (EAM/CEUN-IMT);

<sup>2</sup> Professor da Escola de Administração Mauá (EAM/CEUN-IMT).

**Resumo.** *Este trabalho de Iniciação Científica tem como objetivo discutir a relação entre inovação e sociedade pós-capitalista, compreendendo as principais habilidades que os profissionais do futuro precisam desenvolver para atender as demandas do mercado de trabalho em formação, bem como se as instituições de educação brasileira estão realmente preparando seus egressos para esta nova realidade. Trata-se de um trabalho relevante porque permite a reflexão sobre as transformações sociais decorrentes da dinâmica do sistema capitalista, que precisa ser melhor compreendido inclusive para sabermos como o setor corporativo é afetado por tais mudanças. Do ponto de vista metodológico, esse trabalho utiliza metodologia qualitativa, com o uso de técnica de entrevista.*

## Introdução

O crescimento exponencial das tecnologias no mundo tem mudado o comportamento e os hábitos da sociedade em praticamente todos os setores. Tais mudanças afetam não apenas os hábitos culturais, como o uso de redes sociais digitais e a massificação de serviços de exibição de vídeos. Os efeitos do advento da tecnologia são mais abrangentes, inclusive no que diz respeito ao mercado de trabalho e ao setor corporativo – cujas demandas por mão de obra especializada mudam constantemente, principalmente por causa da dinâmica de transformação do sistema capitalista.

De acordo com o *Future Work Skills* (2011), em 2025 o avanço tecnológico será tão alto que a população mudará significativamente as interações familiares principalmente na forma da educação. Além disso, o emprego será afetado diretamente com o desenvolvimento de máquinas inteligentes, pois a tecnologia robótica continuará avançando e poderá substituir certas profissões e, em outros casos, auxiliará ainda mais nas atividades profissionais – o que resultará no aumento de performance e resultados exigidos.

Partindo dessas premissas, o objetivo deste trabalho é compreender as relações existentes entre a sociedade pós-capitalista e a necessidade de um ensino inovador para dar conta da formação dos profissionais do futuro. Ou seja, partimos da hipótese de que a sociedade pós-capitalista – para usar o termo discutido por Paul Mason (2017) – carece cada vez mais de profissionais preparados para atuar como intraempreendedores, ou seja, indivíduos caracterizados pela inovação, pró-atividade e efetividade nos resultados. Entretanto, o desenvolvimento do trabalho sugere que as instituições de ensino – bem como o próprio sistema educacional brasileiro – ainda não está preparado para oferecer esse tipo de formação aos discentes.

## Material e Métodos

Do ponto de vista metodológico, este trabalho utiliza, além de uma revisão bibliográfica lastreada pelo conceito sociológico e econômico de sociedade pós-capitalista, elaborado por Paul Mason (2017), no uso de técnica de entrevista. No decorrer do trabalho, foram entrevistados os seguintes especialistas, em ordem alfabética:

- a) Carlos Alberto Di Agustini: administrador de empresas, mestre em Administração, doutor em Engenharia da Produção e também o professor de mercados de capitais da Fundação Getúlio Vargas;

- b) Facundo Guerra: empreendedor, considerado um dos 100 empreendedores mais influentes do mundo, de acordo com a Good Magazine (2016);
- c) Luiz Alberto Gomes de Souza: diretor comercial e *supply chain* na CMOC International.

As entrevistas com os especialistas foram realizadas a partir do uso de questionários estruturados (MARCONI & LAKATOS, 2003: 196), com o objetivo de colher respostas abertas, cujo foco é compreender, na visão dos entrevistados, se as instituições de ensino estão preparando os jovens para o futuro, de acordo com as novas necessidades para trabalho na era pós-capitalista, com uma abordagem de novas possibilidades.

O mesmo questionário foi aplicado para todos os entrevistados, constando as seguintes perguntas:

- a) Como o senhor enxerga a relação entre empreendedorismo, educação e inovação, pensando no futuro do Brasil?
- b) Como o senhor define um empreendedor?
- c) Como se forma um empreendedor?
- d) Quais são as características fundamentais para esse empreendedor do futuro?
- e) A universidade de hoje forma um empreendedor / intraempreendedor com essa perspectiva?
- f) O que poderia mudar no sistema de educação para estimularmos o desenvolvimento dessas características?

A análise das respostas serviu ao propósito de compreender como os especialistas em questão que são referência em suas respectivas áreas compreendem a relação entre inovação, empreendedorismo e formação profissional.

## **Resultado e Discussão**

O capitalismo, caracterizado comumente como um sistema marcado pelo acúmulo de capital (RUSCONI, 1983: 140), também apresenta uma série de implicações políticas e sociais, como o direcionamento das forças produtivas para determinados esforços, o que, no limite, também representa a necessidade de desenvolvimento de um modelo educacional igualmente voltado para a cultura de consumo – embora não seja um conceito único e definitivo.

De acordo com Rusconi,

(...) precisamos determinar melhor a peculiaridade do Capitalismo como conjunto de comportamentos individuais e coletivos, atinentes à produção, distribuição e consumo dos bens. Embora esta peculiaridade tenha sido e continue sendo objeto de controvérsia histórica, cultural e sociológica, podemos elencar algumas características que distinguem o Capitalismo dos outros modos históricos de produção. Eles são: a) propriedade privada dos meios de produção, para cuja ativação é necessária a presença do trabalho assalariado formalmente livre; b) sistema de mercado, baseado na iniciativa e na empresa privada, não necessariamente pessoal; c) processos de racionalização dos meios e métodos diretos e indiretos para a valorização do capital e a exploração das oportunidades de mercado para efeito de lucro. (RUSCONI, 1983: 141)

Parte da literatura, porém, questiona se já não vivemos uma era de pós-capitalismo. Ou seja, de um estágio mais avançado do desenvolvimento do sistema político e econômico, que pode, eventualmente, ter características distintas daquele capitalismo mencionado há pouco. Para Paul Mason (2017), este período denominado como pós-capitalista é constituído por três pilares elementares:

- a) Democratização da tecnologia, uma vez que a informação já não é mais monopolizada por uma pequena quantidade de empresas, pois muitas pessoas e companhias no mundo já possuem acesso à internet;
- b) O computador e a informática já reduziram e reduzirão ainda mais os postos de empregos existentes;
- c) A ascensão de empresas e negócios cooperativos, como a Wikipédia, plataforma que permite que os próprios usuários criem e editem conteúdos, mantida atualmente por mais de 27 mil voluntários em todo o mundo.

Isso significa que as pessoas terão muito mais acesso a informação, e com o advento da tecnologia, tudo ficará mais acessível e o emprego diminuirá.

Para Vilha (2010), a inovação está muito presente nos negócios corporativos atuais, como por exemplo a Apple com seus novos recursos tecnológicos, 3M inovando o mercado com facilidades em todos os setores, desenvolvendo produtos de extrema necessidade. Sendo assim, inovar é uma característica fundamental para o crescimento das empresas. Porém, junto com esta tendência, a concorrência e a exigência para o mercado de trabalho e empresarial acabam sendo maiores. Este dinamismo leva a denominar esta era como “a de incertezas”, a qual é caracterizada a partir da instabilidade, dúvidas e descontinuidades.

A gestão de inovação compreende o uso sistemático de mecanismos para planejar, organizar, liderar e coordenar os recursos e competências da empresa para gerar inovações alinhadas às estratégias da empresa e que sejam bem-sucedidas. (VILHA, 2010: 3)

O professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), David Autor (2010), constatou que houve uma polarização dos postos de trabalhos ao longo dos últimos 30 anos, quando os empregos que exigem maior habilidade de análise estratégica e pessoal, como diretores de empresa e técnicos, mantiveram-se com demanda positiva; já em funções que são de atividades repetitivas, como administrador de escritório, vendedor e operador de máquinas em geral, por exemplo, ocorreu uma diminuição considerável das vagas disponíveis, e a tendência é que o decréscimo seja ainda maior. Isto aconteceu justamente pelo aumento do desenvolvimento tecnológico, juntamente com a sua democratização.

Portanto, o Future Work Skills afirma que a habilidade de ter um pensamento adaptativo, de acordo com as situações adversas que ocorrem no dia-a-dia, aliado a uma visão mais aprofundada e detalhada sobre os acontecimentos no geral, serão habilidades imprescindíveis para lidar com o futuro (2011). Além destas, o instituto também cita:

- a) **Inteligência social:** nenhum robô da atualidade consegue compreender as emoções dos seres humanos de forma genuína, e isto, somente o ser-humano consegue, sendo de extrema importância para o desenvolvimento social dentro de qualquer organização.
- b) **Habilidade de lidar com outras culturas:** com a globalização, as empresas estão cada vez mais internacionalizadas e com isso, há a necessidade de falar mais línguas e ter um maior entendimento de outras sociedades.
- c) **Habilidades de programação e comunicação virtual:** saber como utilizar o computador e as novas linguagens de programação serão cada vez mais pedidas, além disso, a forma como nos comunicamos será através de vídeos e geração de conteúdo na internet. Também, saber filtrar as informações relevantes de forma a otimizar o estudo será cada vez mais relevante.
- d) **Transdisciplinaridade:** ter conhecimento multidisciplinar para aplicar e implementar conceitos de outras áreas de ensino num mesmo estudo.
- e) *Design Mindset:* desenvolver senso geométrico e artístico.

Desta forma, é observado que há muitas características das quais uma pessoa necessita para ter sua integração neste novo período pós-capitalista. Ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho passa por essa mudança, há um outro fenômeno em crescimento: o empreendedorismo.

Julien (2010) define o empreendedorismo sob quatro perspectivas, dando diferentes visões relacionadas a esse novo evento comportamental na sociedade, onde uma pessoa:

- Cria uma empresa inovadora;
- Reproduz outras organizações;
- Retoma a empresa existente com a introdução de mudanças;
- Aquelas que atuam dentro de uma empresa através do intraempreendedorismo.

O intraempreendedor é caracterizado como aquele que apresenta todas as características empreendedoras, tais como inovação, pró-atividade e efetividade nos projetos em que são envolvidos. Logo, eles empreendem dentro de uma empresa privada ou pública, de acordo com as regras e a política estabelecida, sendo um funcionário assalariado. Geralmente, pessoas com essas características tendem a se desenvolverem muito no ambiente corporativo, haja vista que, com o crescimento exponencial de novas tecnologias, a criação de novos recursos, técnicas em processos, produtos e serviços serão de extrema importância e relevância como característica intrapessoal em funcionários (FILION, 2004).

Para Passos (2007), o Brasil já em 2007 apresentava uma taxa de atividade empreendedora de 12,8% da população economicamente ativa, sendo uma das mais altas do mundo. Atualmente, de acordo com a pesquisa realizada pelo Monitor e Sebrae (2017), a taxa total de empreendedores no Brasil beira 36,2 %. O trabalhador sob vínculo da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) vem gradativamente assumindo funções típicas do empreendedor tanto dentro do ambiente corporativo como fora, através da necessidade competitiva, utilizando características como a inovação, elaboração de novos procedimentos e processos internos, visando a eficiência e produtividade das empresas. Portanto, características de empreendedores dentro de um negócio.

Assim, é explicado a importância de se compreender essas características e o seu processo de evolução para, num segundo momento, analisar se as escolas praticam e fomentam esse tipo de aprendizado.

No decorrer deste trabalho, realizamos três entrevistas com empreendedores que dialogam com o debate entre inovação e o desenvolvimento de uma mentalidade renovada no ensino. O objetivo das entrevistas era validar a hipótese de que a sociedade pós-capitalista precisa de profissionais com uma formação específica, para que possam atuar como intraempreendedores – mas que, no entanto, o sistema educacional brasileiro ainda não tem investido nesse tipo de formação, prejudicando inclusive o futuro econômico do país.

O resultado das entrevistas sugere que nossa hipótese está correta, uma vez que todos os entrevistados demonstram concordar com a ideia de que o sistema de ensino brasileiro não está direcionado à formação e ao desenvolvimento de jovens empreendedores e intraempreendedor.

Na primeira resposta do questionário, Guerra (2018) cita que, na grande maioria das instituições de ensino, não existe uma escola que de fato desenvolva empreendedores, pois para ele, essas escolas formam pessoas para obedecerem ao sistema, e não questionar, sendo esta uma característica muito forte em empreendedores. Porém, ele cita que a faculdade é imprescindível para se entender as teorias padrões e ter o ferramental necessário.

Além disso, para Guerra (2018), um empreendedor/intraempreendedor é caracterizado como uma pessoa que entende as regras do sistema, mas tem a capacidade de quebrar os padrões vigentes de uma forma inteligente através de questionamentos e propor a reestruturação desses padrões para, em seu lugar, oferecer novas formas de compreender essas questões. E como características fundamentais para empreendedores ou intraempreendedores nesse período pós-capitalista, ele diz que a tecnologia e a inteligência artificial estarão cada vez mais presentes e

que entraremos numa era de compartilhamento de conhecimento, através da democratização da tecnologia. Guerra (2018) cita que também estamos vivendo uma das últimas gerações que terá um emprego formal diante desse cenário evolutivo da máquina.

Já como uma proposta de mudança no sistema de ensino, ele citou que relacionar várias áreas de estudo para se criar algo novo é algo fundamental, tendo em mente, a multidisciplinariedade, juntamente com a humanização e a preocupação com o meio-ambiente.

Na segunda entrevista, Agustini (2018) cita que no Brasil, a questão do empreendedorismo está altamente relacionada com a falta de oportunidade de empregos dentro do país, sobrando apenas essa opção para se gerar renda. Isto seria a justificativa do alto índice de empreendedores. Portanto, em sua visão, a escola não desenvolve empreendedores ou intraempreendedores, salvo poucas instituições de ensino que possuem um viés destinado a esse propósito, das quais representam menos que 0,1 % do total das escolas.

Agustini (2018) cita que é necessário ter uma educação de base (fundamental) com muito mais qualidade, sólida e multidisciplinar, pois assim, a visão dos alunos ficariam muito mais ampla e aberta para se observar novas oportunidades em todos os âmbitos, seja ele dentro ou fora de uma empresa. Também, no setor burocrático, seria necessário estruturar melhor o processo e a lei de patentes do país, pois, assim o empreendedor e intraempreendedor serão mais valorizados.

Para Agustini (2018), existem três modos de se formar empreendedores:

- a) Aqueles como o Steve Jobs, do qual cria algo incrível sem a pretensão, no início, de se ter um grande negócio como é a Apple.
- b) Aqueles como o fundador da Dell, do qual teve uma visão de oportunidade num negócio.
- c) Tem o empreendedor que projetou ser aquilo, se preparou, e planejou os projetos que, em muitos casos, deram certos. Como exemplo o fundador da Tesla Motors.

Portanto, Agustini (2018) conclui que o empreendedor é aquela pessoa que tem prazer trabalhar, realizar um produto ou serviço.

Já em termos de habilidade do futuro, as entrevistas revelaram que ainda não é possível saber ao certo quais serão essas habilidades. Porém, Agustini (2018) cita que o empreendedor e o intraempreendedor se adaptará conforme os novos modelos e leis necessárias para se terem êxitos em seus setores de trabalhos.

Já de acordo com Souza (2018) a educação está diretamente ligada a inovação, porém, para o empreendedorismo não é algo que se cria pelas instituições de ensino, mas, os conhecimentos adquiridos nas instituições libertam as pessoas para obter o conhecimento básico necessário para empreender, e ou ingressar no mercado de trabalho.

Souza (2018) define um empreendedor como uma pessoa despojada, da qual não tem medo de se arriscar quando observa uma oportunidade de negócio, tanto dentro de uma empresa, como fora. Além disso, ele é uma pessoa otimista.

Para se formar um empreendedor/intraempreendedor, na visão de Souza (2018), muito está relacionado à forma como a pessoa é criada desde a infância: se a família dá suporte e incentiva a criatividade e pró-atividade.

Já para o futuro, a principal característica para empreendedor e intraempreendedor, é a inovação, da qual, não é muito valorizada em decorrência de falta de leis para patentes que, protegem e incentivam a inovação.

Para Souza (2018) faculdades de primeira linha formam pessoas com características empreendedoras. Já para no âmbito do sistema de ensino seria necessário criar uma metodologia mais voltada para meritocracia dentro das instituições de ensino, de forma a incentivar a inovação, criando concursos, atividades, que propiciem o desenvolvimento da criatividade e pró-atividade.

## Conclusões

Portanto, de acordo com as três referências entrevistadas e as informações citadas no presente trabalho, é possível observar que, de forma geral, o sistema educacional do Brasil não está preparando os jovens para lidar com essa nova dinâmica social e econômica denominada pós-capitalista, quando grande parte do emprego será substituído por máquinas, e a inovação, o empreendedorismo/intraempreendedorismo, humanização, e a necessidade de deter conhecimento de tecnologia serão as premissas básicas que embasarão as pessoas nesse novo período. A necessidade de inovar será maior conforme o avanço tecnológico e, a partir da inovação, novas facilidades, produtos e serviços serão implementados no mercado cada vez mais à preços menores e democráticos.

Portanto, é necessário criar um ambiente nas instituições de ensino que propiciem o desenvolvimento da criatividade, formando pessoas que inovem e questione, juntamente com um olhar global, através da multidisciplinarietà.

## Referências Bibliográficas

- AGUSTINI, Carlos Alberto, professor. Entrevista I [8 novembro de 2018]. Entrevistador: Leandro Garbin, 2018. 2 arquivo .mp3 (16:17 minutos)
- DAVID AUTOR, The Polarization of Job Opportunities in the US Labor Market. Center for American Progress and The Hamilton Project, April 2010.
- FILION, Louis Jacques. Entendendo os Intraempreendedores Como Visionistas. Revista de Negócios, Blumenau, v. 9, n. 2, p.65-80, jun. 2004.
- FUTURE WORK SKILLS. Palo Alto: Institute For The Future For The University Of Phoenix Research Institute, 2011.
- GOOD MAGAZINE (Estados Unidos). Meet the 2016 GOOD 100. 2016. Disponível em: <<https://www.good.is/features/issue-36-the-good-100-full-list>>. Acesso em: 1 set. 2018.
- GUERRA, Facundo, empreendedor. Entrevista I [21 maio de 2018]. Entrevistador: Leandro Garbin, 2018. 1 arquivo .mp3 (8:43 minutos)
- JULIEN, P. A. (2010). Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento. São Paulo: Saraiva.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos da metodologia científica. São Paulo: Saraiva, 2003.
- MONITOR, Global Entrepreneurship; SEBRAE. Empreendedorismo no Brasil. 2017. Disponível em: [https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relatório%20Executivo%20BRASIL\\_web.pdf](https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relatório%20Executivo%20BRASIL_web.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- PASSOS, C. A. K.; FELIX, J. C.; GRECO, S. M. S. S.; BASTOS JUNIOR, P. A.; SILVESTRE, R. G. M.; MACHADO, J. P. Empreendedorismo no Brasil : 2007. Curitiba. IBQP, 2008.
- PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Brasília: UnB, 1983, 11ª edição.
- RUSCONI, Gian Enrico. Capitalismo. In: BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola. Dicionário de Política. Brasília: UnB, 1983.
- SOUZA, Luiz Alberto Gomes, Diretor de Empresa. Entrevista I [21 maio de 2018]. Entrevistador: Leandro Garbin, 2018. 3 arquivo .mp3 (9:30 minutos)
- VILHA, Anapátricia Morales. Gestão da Inovação nas Empresas / Anapátricia Morales Vilha - Diadema, SP.: [s.n.], 2010.